



TRIBUNA Livre

5
NOVEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

CERES

e Pomona, as deusas das searas e dos frutos, já não andam pela terra.

Dividiram os antigos a vida do mundo em quatro idades: da pedra, do ouro, do bronze e do ferro, conforme as suas descobertas e utilidades.

Todas elas estão ultrapassadas.

A outras que se lhe sucederam a curto espaço, e mal deram por que se chamassem pelo nome: da pólvora, das navegações, da imprensa, do vapor, da electricidade, da aviação; e a presente idade que já muitos têm classificado de era atômica — as condições da vida humana nada tem melhorado.

A medida que se desenvolve a malícia dos homens, crescem as dificuldades da sua

Novo administrador de «O Debate»

Foi convidado, e aceitou, o cargo de administrador do jornal «O Debate», o nosso preadíssimo colaborador e particular amigo sr. Domingos Maria da Silva.

Escritor, arqueólogo e jornalista distinto, autor de diferentes obras, entre as quais as monografias de Amares e Terras de Bouro, estamos certos do seu êxito absoluto nas novas funções, o que, aliás, lhe desejamos sinceramente.

existência. A idade do ouro ficou-lhe de saudosa memória. Conforme sulcava a crosta da terra virgem, para lhe lançar as primeiras sementes, logo deparava com o brilho dos metais preciosos. Uma primavera constante, com uma floração e frutificação exotêneas, a vida tornou-se tranquila e apetecida.

Depois de tantíssimas explorações, a terra tem-se exaurido. O homem tem-se empenhado em revolucionar-lhe a superfície construindo montes de cidades de arranha-céus e minando de cavernas as suas entranhas. Vê-se na necessidade de adubá-la e fertilizá-la, de curar as doenças das plantas e dos animais seus auxiliares, consequência da irregularidade dos climas e dos tempos. A terra mostra-se cansada, regateia ao homem o seu sustento.

* * *

Costumam estes articulados de fundo traduzir as impressões do momento que passa.

A vida do homem do campo, como da cidade, que depende dele por via das condições imperiosas da sua subsistência, atravessa um período aflitivo.

Quando, a exemplo da formiga, se preparava para andar numa roda viva a carregar dos campos e das leiras para o celeiro; a arrecadar pa-

ra um ano inteiro de necessidades constantes, eis que um rigoroso, intempestivo inverno o surpreende em sua faina, como a mesma formiga a enxurrada que lhe corta o caminho, inunda a toca, encharca os armazens, os aprovisionamentos das suas reservas.

Um S. Miguel compromete-lo pela invernã.

Metamos a mão na consciência. Será o camponês de hoje como o «bom lavrador» dos tempos que já lá vão, em que mereceu as bênçãos de Deus e as honras e os elogios dos poetas?

De modo nenhum!

O temor de Deus e o amor e respeito pelo seu próximo, expressos no sistema da concordia e da boa vizinhança em que viveram nossos ante-

Continua na 3.ª página

A acção notável do Município

Não se apagou ainda o eco da feliz jornada dos nossos responsáveis à capital que nos trouxe além de muitas certezas outras tantas esperanças em realizações que sentíamos merecer mas que havíamos perdido a esperança de ver concretizadas.

O contar de tantos anos em que nada se fazia trouxe a todos a convicção de que conseguir a ajuda do Governo seria coisa em verdade difícil, por não ser já razoável supor que estivesse na base de tanta inércia a culpa dos homens.

É por causa deste estado de espírito gerado e consumado por tanto tempo, que agora apetece pensar que estão a brincar connosco e para a brincadeira ser mais hilariante se anunciam muitas coisas e muito grandes. Entenderam os responsáveis do concelho que

para convencer os homens dos Ministérios deviam fazer-se acompanhar de uma resenha ao recebido, de maneira a que a sua insignificância inspirasse dó. Em verdade nenhum concelho do País — repetimos: nenhum concelho do País — recebeu em tão grande lapso de tempo — tão pouco dinheiro por intremédio do seu Município.

Valeu-lhes a resenha para ouvirem do titular das Obras Públicas que Amares é conhecida pelo concelho em que nada se fazia, para ouvirem a afirmação do sr. Director Geral da Urbanização de que «julgou que em Amares tudo estava feito» e do Conselho Superior das Obras Públicas que em Amares as contrariedades vinham sempre de dentro, contudo até umas coisas a propó-

Continua na 3.ª página

UM PECADO PERIGOSO

por António Maria Zorro

A Igreja consagrou, há vários anos, como a Dia Mundial das Missões, o penúltimo domingo de Outubro. É de esperar que por toda a parte a comemoração tenha tido, este ano, uma vivência e uma intensidade muito especiais. A Santa Sé acaba de publicar uma estatística, segundo a qual o número de católicos existentes em todo o mundo é, apenas, de 490 milhões, o que representa aproximadamente um sexto da população mundial; e nesta informação há motivos bastantes para galvanizar a consciência missionária do clero e dos fieis.

Além disso, o ano em curso tem sido, no plano mundial, particularmente expressivo em matéria de missão, suas dificuldades e seus êxitos, suas máguas e suas alegrias. Quanto a estas últimas, deve recordar-se que em 1960 se viu pela primeira vez um Bispo negro receber a púrpura cardinalícia — o jovem e apostólico Bispo de Rutabo, hoje Cardeal Ryambwa; quanto às máguas, não pode esquecer-se que os acontecimentos do Congo, com a violação de freitas e os ataques oficiais ao catolicismo, vieram relevar perspectivas terríveis para a Igreja nos novos Estados africanos; a manter-se o problema da «descolonização» nos desgraçados termos em que se

encontra, é de recear que muitas prósperas cristandades daquele continente sofram um golpe tão rude como as da China ou as dos territórios que hoje formam o Vietnã; até 1960 o esforço abnegado dos missionários católicos defrontava a concorrência das missões protestantes, a firmeza e a expansão dos muçulmanos ou dos hindus, o primitivismo das populações bárbaras e animistas — e até o mau exemplo religioso e moral de muitos europeus; a partir de agora os missionários católicos defrontam também em África o seu pior inimigo — o Comunismo.

Passando do plano mundial ao nacional, não faltam razões para dar o maior relevo à comemoração do «Dia das Missões». Oxalá essas razões consistissem, apenas, no facto de nos encontrarmos celebrando o quinto centenário do Infante. D. Henrique e do nome do Príncipe de Sagres estar imperecivelmente ligado à expansão da Fé Católica no mundo. Razões mais prementes e bem menos repousantes levaram por certo à realização em Lisboa dos «Dias de Estudos Missionários», promovidos em conjunto por todos os Institutos missionários portugueses, com a assistência, na sessão final, de um membro do Governo — o Subsc-

tário de Estado Adriano Moreira.

Não nos detenhamos aqui na análise dessas jornadas de estudo, mas procuremos salientar os dois aspectos fundamentais da sua extraordinária oportunidade. Existem nas Províncias Ultramarinas perto de dez milhões de almas por baptisar. As missões católicas, na sua maioria, não dispõem do apetrechamento humano e material indispensável à sua tarefa. O nível de vocações missionárias entre o clero metropolitano português é assustadoramente baixo. E na vitória ou no malôgro da obra Missões no Ultramar reside, afinal, uma das principais bases da sobrevivência portuguesa desse mesmo Ultramar.

Por outro lado, todavia, o Estado português é hoje o único Estado missionário do mundo. Para exigir da parte

Continua na 3.ª página

ENG. ANTONIO DE OLIVEIRA VALENÇA

A Câmara Municipal de Amares deslocou-se, no passado sábado, a Soutelo, a fim de se avistar com o sr. Eng. António de Oliveira Valença, inspector Superior das Obras Públicas, a tratar assuntos de interesse para o Concelho.

CORPORAÇÃO DA LAVOURA

I Congresso Nacional da Lavoura

a realizar em Junho de 1961

Alguns esclarecimentos à organização e objectivos do congresso

A Corporação da Lavoura dentro das competências que lhe confere o seu Regimento, promoverá e organizará o I CONGRESSO NACIONAL DA LAVOURA; a realizar em Lisboa em Junho de 1961, em data a designar.

Vai, deste modo, ao encontro das aspirações da Lavoura expressas no voto unânime emitido pelo Conselho da Corporação na sua reunião de 19 de Junho de 1959, e das da imprensa especializada agrícola que desde há muito

vem pugnando por esta realização.

Poderá parecer estranho, a alguns, a denominação de I CONGRESSO NACIONAL DA LAVOURA, visto em diversas épocas se terem efectuado Congressos Agrícolas de maior ou menor projecção e não há ainda muitos anos o de Ciências Agrárias.

Entretanto ela é perfeitamente legítima, visto que, de facto, pela primeira vez em Portugal se realizará um Con-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Que o homem que tem razão
sem razão e sem verdade,
o benefício e amizade
paga com ingratidão
em mentira e falsidade.

Disto a nossa penitente
viu tão claro o desengano,
que foge por não ver gente
do enganoso trato humano
pera o deserto contente.

Andava nele uma féra
perto donde a santa anda,
mas quem tudo move e manda,
faz que a santa não se altera
e a féra que se abranda.

Era um leão temeroso,
que, com justa causa espanta,
mas Deos todo poderoso
faz com que à vista da Santa
seja brando e amoroso.

O monstro era de maneira
que toda a terra ameaça,
porem a divina graça
deu graça à sua cordeira
que cordeiro um leão faça.

Quem venceu tamanha empresa
que a si mesma venceu,
a féra da mór braveza,
faz em seu favor o céu
com que muda a natureza.

À vista da santa vinha
muitas vezes um leão,
mas não mostra a condição
da natureza que tinha,
porque tinha mansidão.

Mostrava fero semblante
nos movimentos que faz,
e a Santa firme e constante
não tornava pera trás.
nem o leão pera diante.

Nem alcança o que pretende
leão tão fero e terrível,
e vendo que não offende
com os olhos no céu entende
que tudo a Deos é possível.

Bem mostra o leão e o prova
que fazer mal não queria
porque quando a noite via,
se tornava a uma cova
per tornar ao outra dia.

O leão mostra-lhe afeição
e ela não lhe tem horror,
porque até com um leão
a muita conversação
tira o medo e cria amor.

Vendo a dita mulher
o leão que se despede,
sem nenhum mal lhe fazer,
entende isto proceder
de Quem todo o bem procede.

Que em qualquer ocasião
um leão busca a quem mate,
e agora o mesmo leão
se lhe humilha e se lhe abate,
que o céu a tem de sua mão.

Que não pode ser sem faltar
que um leão não se desmande,
e ela não se sobressaltar,
sem que do céu lhe mande
ajuda celestial.

Isto tinha pera si,
quem por si tudo isto tinha,
e Deus o ordenou assi,
todo o tempo que ali tinha
ao leão que vinha ali.

Os que põem seus corações,
aonde os hão de pôr somente,
mais podem fugir da gente,
que de tigres e leões,
como a nossa penitente.

Vendo os divinos sinais
e milagrosos, a Santa,
neste rei dos animais,
os olhos ao céu levanta
dizendo palavras taes:

— Senhor, que tão offendido
fostes desta pecadora,
e vós tão brando e soffrido,
merecendo a cada hora
um castigo nunca ouvido.

Agora acabo de vêr
vossa infinita grandeza,
eu sempre a vos offender,
com minha infame torpeza
e vós sempre a me soffrer.

Ver-me de vós amparada,
que vos offendi já tanto,
em parte estou espantada,
mas por outra não me espanto,
que vós sois Deos, eu sou nada.

Quando cuído as vossas traças
por meu bem tão exquitas,
de perigos e ameaças,
dou-vos infinitas graças,
mas nunca posso infinitas.

Vossa infinita clemencia
essa sim, que é sem medida,
e tomara eu sem falencia
trezentos anos de vida
pera os ter de penitencia

Só pera dar a entender
quando esta vida me deis,
que não era por viver
senão pera padecer
parte do que merecis.

Neste passo se levanta
sem fôlego de fraqueza,
que era a fraqueza tanta
que não pode a natureza
dar mais alento à garganta.

No lugar onde se punha
de joelhos em oração
da muita continuação
era boa testemunha
o que corre pelo chão.

Logo que teve acabado
a contemplação divina,
e o corpo fraco e causado
desejou ver-se em estado
pera tomar disciplina.

Quando uma Rainha Espanhola reinou sobre a Bélgica

(por Isy Landres, da Ultramar)

Ela não era, de facto, Rainha, essa filha de Filipe II, Rei da Espanha, que em 1598 veio tomar conta do Governo da Bélgica, em nome de seu pai. Isabel e seu marido, Alberto, eram aguardados com impaciência, esperança e, é preciso que se diga, uma certa ansiedade.

Com efeito, a Bélgica acabava de emergir de terríveis guerras religiosas que haviam visto desfilar pelo solo belga os exércitos do Taciturno, as hostes do Duque de Alba, os iconoclastas e a repressão espanhola. O comércio e a indústria haviam sido reduzidos a zero. Um cronista inglês que percorreu as províncias belgas, nesse tempo, conta que ofereciam um espectáculo desolador. Nem indústria, nem comércio, o Escalda paralizado e a agricultura dizimada.

Porém, embora não fosse Rainha, a Bélgica adoptou-a qua se imediatamente como sua soberana e amou-a. É que Isabel trouxe consigo a paz, o sorriso, a tolerância e, de outro de pouco, a prosperidade.

Isabel e Alberto tinham-se casado em idade avançada para a época, aos trinta anos. Actualmente, parece uma idade juvenil, mas numa altura em que a vida média não ultrapassava quase a trintena e muitas Princesas se consorciavam ainda no berço, considerava-se o seu casamento tardio. Notemos, de passagem, que mesmo na história dos Reis e dos países o acaso realiza, por vezes, coincidências surpreendentes.

A Bélgica necessitava de uma renovação económica. Perfeitamente. Isabel trouxe-a com ela, adoptando logo medidas que fomentaram a criação de novas indústrias. Autorizou, até que as indústrias utilizassem os parques dos castelos reais para os seus empreendimentos. Mas fez ainda mais. Num país arrazado pela guerra, tentou estabelecer um pouco de tolerância. Favoreceu a difusão das ideias, auxiliando poderosamente o primeiro impressor belga e o mais importante, Plantin Moretus, a ampliar a sua oficina, unico meio naquela época — e ainda hoje, sem dúvida — de propagar a ciência.

Colocou-se ao lado de Rubens, o grande pintor. O seu foi, assim, um reinado da arte e da prosperidade. Depois de anos, a Bélgica saía, não do túmulo, mas de um verdadeiro pesadelo. Reencontrou a sua bonomia e a sua alegria. É certo que o país não era oficialmente independente, continuando a depender da Coroa espanhola. Mas, na realidade, os laços eram tão ténues e tamanho foi o poder de Isabel que a independência era, de facto, uma realidade.

Não queremos concluir sem sublinhar que Isabel se interessou pelo jornalismo. Foi ela, efectivamente, quem entusiasmou um impressor e cronista de Antuérpia, Verhoeven, a lançar o seu primeiro jornal, sem dúvida o primeiro da Europa. E não ousamos jurar que ela não tenha jamais colaborado nessa folha

NOS BASTIDORES DO TEATRO de Leopoldville

A Cena política assemelha-se muitas vezes ao teatro: operetas, tragédias e operas cómicas sucedem-se no palco. O que o público vê são os actores. A eles aclama ou pateteia. Deles ainda são os nomes que andam em todas as bocas e que recolhem as críticas e os louvores. Mas, como no teatro, nem só eles existem. Há os bastidores, há o cenógrafo, o ponto, uma boa dezena de homens invisíveis que, tal como no teatro de fantoches, puxam os cordelinhos e fazem com que um espectáculo obtenha êxito ou redunde em malogro total.

Esse é o caso de Léo. Nomes como Lumumba, Kasavubu e Mobutu correm de boca em boca — são os actores. Por detrás deles, porém, há os bastidores e os que aí se agitam.

Há algum tempo, cada vez que Lumumba está em causa, cita-se simultaneamente o nome de Serge Michel — nome que faz pensar num grande actor. Todavia, ele não passa de ponto, e, como por vezes se engana no texto, o actor Lumumba, repetidamente, acrescentando a mimica às palavras, esses mesmos erros.

Continua na 5.ª página

TRIBUNA do CONCELHO

A acção notável do Município

(Continuação da 1.ª página)

sito da Ponte Sobre o Homem. Os assuntos de que a nossa Câmara tratou são muitos e já todos ou quase todos foram aqui inumerados. Vamos, contudo, fazer nova e resumida referência aos que nos forem lembrando.

Bouro irá ter, finalmente, uma ponte no Adegueiro a ligar aquela freguesia a Friande, muito necessária aos interesses da região. Bouro irá ter, também, pavimentada e alargada a estrada que conduz ao Gerês, obra que custará à Junta Autónoma das Estradas 5.700 contos e que será feita no ano de 1962. No ano próximo, segundo a promessa feita, teremos ainda a electrificação das freguesias de Dornelas, Goães, Santa Marta e Bouro.

Os processos referentes à pavimentação do lado norte do Largo do Dr. Oliveira Salazar, e à pavimentação da Rua Sá de Miranda e Rua Nova vão seguir, desembaraçados dos impedimentos que ha dois anos os tem parados.

A pavimentação da estrada Feira Nova — Caldeas orçada em cerca de 3.000 contos será incluída no orçamento do próximo ano e o arranjo em frente à Misericórdia até às Casas Novas será feito dentro de breves meses.

A variante, obra orçada em 2.000 contos, foi prometida pelo orçamento de 1962. O reforço para o Monumento a Sá de Miranda foi logo ordenado e dado parecer favo-

rável quanto a diferentes processos de escolas.

Não se faz aqui referência a muitas obras mencionadas no plano geral ao Município por estarem asseguradas a nada haver a fazer por elas senão esperar a participação.

Todas as obras dizem respeito a processos que obedecem a muitos pormenores e nada mais natural que surjam imponderáveis que atrasem um ou outro. O seu montante e de tal forma que mesmo assim o Concelho terá muito de que regozijar-se.

Esperemos que a tenacidade dos que dirigem, sempre prontos a agir e sempre atentos aos problemas, torne possível o maior número, senão a totalidade e que atentos procurem sempre todas as maneiras que nos levem a recuperar o atraso em que caímos.

Ha bem pouco falamos num montante de obras em três anos que a todos surpreendeu. Pouco tempo decorreu para que além dos melhoramentos anunciados outros aparecessem a aumentar o cômputo geral.

É a persistência e o amor ao progresso. É a noção das responsabilidades. É o sentido do bem comum.

Não sabemos como tenha podido acontecer que em tanto tempo a glória de mandar tenha insensibilizado as pessoas daqueles sentimentos. E o mal maior está em que ha homens que primam em se rodear de inertes e depois o desconcerto é geral.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Gostas de saber notícias da tua aldeia e dá-lhes preferência sobre tudo o mais que houver de sensacional no Mundo. Vou por isso continuar e começo pelas do dia-a-dia local.

Jubileu das Almas

Continua existindo a confraria das Almas, erecta na igreja paroquial de Lago, velha de séculos, a qual tem um documento do Pontífice Romano, transcrito em uma tábuia suspensa nas paredes do arco da referida igreja. Nesse documento declaram-se as graças concedidas aos confrades e as obras a que devem consagrar-se, como cristãos de fé e mandamentos.

Foi concedido pelo Papa Pio VI que governou a Igreja de 1775 a 1799. Mas esta confraria é mais antiga, pois já em 1759 tinha existência oficial. Contudo não há no arquivo documentos que nos digam qual é a sua idade. Perderam-se os primeiros estatutos e vários outros livros de contas e de actas, pois o mais antigo não tem indícios da fundação da confraria, nem diz que a eleição feita em 1759, foi a primeira.

No breve, acima referido, Pio VI aprovou e indulgenciou o Jubileu que já em 1780 se fazia em 31 de Outubro. O dito breve afirma ter sido a mesa que então dirigia a confraria quem escolheu o dia 31 de Outubro e pediu a sua aprovação ao Papa. Julgo que os motivos para escolher este dia foram a festa de Todos os Santos e os Fieis-Defuntos com o Jubileu das indulgências plenárias.

Se assim foi eram bons motivos. Contudo parece-me que os nossos antepassados fariam melhor se tivessem olhado também para São Martinho e escolhessem para o Jubileu das Almas o dia 10 de Novembro véspera da festa do Santo protector da freguesia. O Papa indulgenciaria da mesma forma o Jubileu e este contribuiria poderosamente para santificar e celebrar o dia do Padroeiro. Poderás tu, ou qualquer outro, sugerir a realização de outro confesso. Mas ponderadas todas as coisas, entre as quais a distância de poucos dias, é sempre um disparate pensar em dois confessos.

O Jubileu fez-se e foi bastante concorrido. Porém, nem todos os confrades aproveitaram as graças do Jubileu. Alguns chegam a não se confessarem, sequer, nem uma vez cada ano. Outros, contados os tais «alguns» fazem propaganda no

sentido de se inscreverem, eles e outros, na Confraria do Senhor dos Passos de Rendufe.

Dir-te-ei, a propósito, que nenhuma confraria deve admitir irmãos sem que o Pároco dos candidatos ateste o seu comportamento moral e religioso. Isto deduz-se da própria natureza das coisas e do bom-senso, para não falar já das leis da Igreja nem dos estatutos de outras confrarias, alguns dos quais li.

Admirar-te-ás certamente, de haver homens de uma freguesia a combater pelos interesses de outra... Apenas te perguntarei se não haverá portugueses que apoiem a campanha moscovita contra Portugal, tentando roubar-nos os territórios ultramarinos; e se não houve nas guerras da nossa independência portugueses a combater pelos inimigos contra Portugal! É triste, mas é verdade.

A palavra traição, embora feia, tem aplicação demasiado frequente. Há sempre quem gosta dela.

Ternos de missas

Em 29 de Outubro celebraram-se três missas na igreja de Lago, comemorando o aniversário do falecimento de Custódia Pereira Araújo, que foi do lugar do Bico e esposa do industrial senhor Manuel Ferreira de Araújo. Além do Pároco foram celebrantes o sr. Abade de Crespos e um sacerdote jesuíta. Com a numerosa família tomaram parte nos sufrágios muitas pessoas de todas as categorias sociais. No fim distribuíram-se lembranças da bondosa senhora com o seu retrato e alguns pensamentos familiares, bíblicos e patrísticos.

No dia 1 de Novembro também se rezaram duas missas comemorando o 7.º dia do falecimento de José António Fernandes Junior, do lugar do Bico. Deviam ser três, mas um dos sacerdotes não pode vir. Assistiram ao acto muitas pessoas de todas as categorias sociais, além da família do falecido. Celebrou o Pároco e um sacerdote jesuíta. No fim realizou-se o costume — «obradorio» que teve muitos concorrentes.

Tempo de preces

A chuva, tantas vezes desejada e pedida com preces, está agora causando graves prejuízos à lavoura.

Por isso, no Diário do Minho de 1 de Novembro, uma nota da Secretaria Arque-

Um pecado perigoso

(Continuação da 1.ª página)

das altas esferas do pensamento católico contemporâneo a compreensão e até a defesa dos seus direitos ultramarinos, Portugal não precisa de apresentar a conta dos serviços prestados à dilatação da Fé, nem de reclamar pelos estorvos postos, em tempos idos, à sua acção missionária. Basta-nos invocar o que têm sido as facilidades concedidas neste capítulo à Igreja, o papel preponderante que se lhe confiou na promoção social e cultural das Províncias ultramarinas e o facto indiscutível de não haver na África portuguesa duas obras distintas, uma da Igreja outra do Estado, mas, sim, uma obra comum. Não é culpa do Estado a carência de vocações missionárias, como não é culpa da Igreja que o Estado português não disponha, para financiar as Missões, dos mesmos fundos de que dispõe a Rússia para comunizar as suas novas colónias africanas.

Se nesse «Dia Mundial das Missões» o Estado português não reafirmasse solenemente o propósito de continuar a ser um Estado missionário, o Estado teria esquecido o primeiro dos seus deveres ultramarinos; mas, se os católicos responsáveis de todo o mundo se esquecessem da solidariedade devida neste momento a Portugal, teriam cometido um feio pecado — feio e tremendamente perigoso.

piscopal manda que os Párcos façam preces públicas com o povo e rezem na missa uma oração especial tudo com o fim de obter de Deus a cessação da chuva e a presença do astro salvador.

Afinal entre nós há prejuízos graves porque se perderam já grandes quantidades de feijão; muitas espigas de milho estão podres, outras com os grãos a nascer...

Mas noutras terras há desastres bem maiores.

Haverá lugar a castigos!

Todos sabemos que Deus pode castigar os homens.

Só não acredita quem não quer ver, porque a história, que é mestra da vida, ensina que Deus puniu diversas vezes os homens com castigos terríveis. Bastaria recordar o dilúvio, os três anos e meio de seca, no tempo do profeta Elias... e os castigos anunciados por N. Senhora em Fatima, se o mundo se não converter. Para nos castigar Deus pode servir-se dos homens maus... e até dos próprios elementos da Natureza.

Dispõe do teu amigo de sempre: J. Moreira

Ceres

(Continuação da 1.ª página)

passados, socorrendo-se e auxiliando-se... isto tudo caiu em letra morta e costumes apagados.

A obscenidade das palavras e das acções, temperadas com ditos picantes e maliciosos a descanbar no chafurdio da maledicência e da murmuração, e tão contraditórios das almas limpas, e inocentes de outrora, conspurca a vida dos campos em meio de trabalhos e serviços. Não se reprime no casal do lavrador o imperdoável abuso do palavrão, o desaforo do desbocamento. Com o mau exemplo dos pais e patrões incitam-se os filhos e os criados a este e outros hábitos e vícios repugnantes — o da embriaguez.

Se é que ao meio dia se ouvem as badaladas do sino a convidar os sentidos para Deus, o lavrador já não suspende nem manda suspender os seus trabalhos para descobrir-se e levantar o seu pensamento ao céu.

A vida nas aldeias tem evo-

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — a menina Estela Arazes de Menezes.

Dia 8 — o sr. António Azevedo Sá Coutinho Russel.

Dia 9 — a menina Lidia Ferreira Ferradais.

Dia 10 — a Srna. D. Aurora Barbosa de Macedo.

luído retrogradando.

O homem do campo, já seduzido também pelo brilho falso das concepções modernas, desviou-se a olhos vistos das seguras tradições de seus maiores, mas engana-se.

Para seu remédio, ministrado a tempo, Deus prova-lhe que dispõe de lições e avisos para todas as horas e momentos.

Nossos antepassados liam melhor nos sinais dos tempos. A soberba do homem moderno mal lhe deixa compreenderem os seus.

Corporação da Lavoura REGULAMENTO GERAL

I Congresso Nacional da Lavoura; a realizar em Junho de 1961

Alguns esclarecimentos á organização e objectivos do conselho

Continuação da 1.ª página

gresso integral da Lavoura.

No prosseguimento da estrutura de Corporação, pretende-se reunir em trabalho de conjunto, de íntima cooperação, todas as Associações de índole agrária do País, tanto Corporativas (Federações dos Grémios da Lavoura, dos Trigos, dos Vinicultores e das Casas do Povo e respectivamente os Grémios e Casas do Povo que as constituem), como Associações Cooperativas das diversas actividades; Associações de Mutualidade; Associações de Regantes; a Centenária Associação Central da Agricultura Portuguesa, num total superior a 1.100 Organismos representados por mais (por agora em estimativa) de 17.000 indivíduos que constituem, por eleição ou direito estatutário, os Conselhos Gerais, Conselhos de Direcção Assembleias Gerais, Conselhos Fiscais, e Direcções, além dos Procuradores à Câmara Corporativa, representantes nos Organismos de Coordenação Económica e nos diversos Serviços coordenados pelo Estado, os Directores da Imprensa Agrária e ainda aquelas individualidades de reconhecido mérito que não estando incluídas nestas representações, forem convidadas a fazer parte do Congresso.

Estamos, portanto, em presença de um Congresso de todos os lavradores da Nação na sua legítima representação, no qual se lhes dá a oportunidade de exporem os problemas básicos da Lavoura, tanto no campo económico como no social, relegando, em princípio, para outros Congressos e para outros congressistas, cuja competência não se pretende substituir, os problemas de técnica agrícola.

Propõe-se a Lavoura Nacional, construtivamente e com elevação a esclarecer as suas aspirações, demonstrar as suas ansiedades e possíveis injustiças de que se julga vítima e a sugerir, em conclusões, ao Governo da Nação, dentro da sua visão dos factos, medidas atinentes a um revigoramento da sua economia de modo a acompanhar a evolução económica das restantes actividades e serviços, colaborando, assim, na resolução dos seus problemas económicos e sociais cuja urgência não necessita demonstrar-se, tão evidente ela se apresenta.

Na Comissão Executiva do Congresso, a que preside o Presidente da Corporação da Lavoura, na orientação básica de uma Unidade Nacional Agrícola, foi dada representação integral a todas as associações agrícolas de qualquer índole e ainda à imprensa agrícola especializada, como

se comprova com as seguintes representações:

Da Corporação da Lavoura: Dos Organismos Corporativos Federativos de actividades indiferenciadas de ordem Provincial ou Distrital (Federações de Grémios da Lavoura e das Casas do Povo):

Dos Organismos Federativos de actividades diferenciadas (Vinicultores do Douro e Dão, Moscatel de Setúbal, Bucelas, Carcavelos e Federação dos Produtores de Trigo) e ainda o Grémio dos Produtores de Frutas de Vila Franca de Xira:

Das Associações Cooperativas, de Mutualidade e de Regantes, e por cada actividade diferenciada, escolhidos os seus representantes por eleição entre os interessados da diversas actividades:

Da Associação Central da Agricultura Portuguesa:

Dos representantes da Imprensa Agrária, sendo um da particular e outro da Corporativa e Cooperativa escolhidos por eleição entre os interessados.

Ainda que, livremente se dê oportunidade aos Congressistas de apresentarem teses e comunicações sobre assuntos indiscriminados que possam ser incluídos nas secções ou sub-secções do Congresso, pretende-se, dentro dum espírito de ordenação que obrigatoriamente se apreciem diversos aspectos básicos dos problemas mais instantes da Lavoura.

Para tal, a Comissão Executiva estudará e deliberará nesse sentido, designando os assuntos e escolhendo relatores.

A par da Comissão Executiva e das suas sub-comissões que forem organizadas para a melhor divisão dos trabalhos, existirão a Comissão de Propaganda e o Secretariado Geral e, ao Secretário Geral, competem as atribuições do artigo 9.º do Regulamento do Congresso.

Como credencial se faz referência de que, por escolha da Direcção da Corporação, foi designado para tal cargo, João de Figueiredo Cabral Mascarenhas, Vogal de Direcção e Presidente da Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Alta.

São estes os principais esclarecimentos que se julga oportuno desde já fazer conhecer para melhor compreensão do Regulamento Geral.

Do programa definitivo somente como aspiração se poderão dar algumas sugestões, visto a sua elaboração ser da competência das Comissões Executiva e de Propaganda.

Entre outras haverá a pretensão de dar ao Congresso a maior projecção, para bem se patentear a grandeza do valor económico social da Nação Agrícola e, para tal, se encontrarão fórmulas para se afirmar que toda a Lavoura Nacional concorre para o seu êxito.

A par das reuniões das secções poderão organizar-se demonstrações públicas das actividades agrícolas nacionais, que a grande maioria do público urbano desconhece.

A Direcção da Corporação da Lavoura interpretando o mandato que lhe foi conferido, espera de todos os Organismos e Associações e de todos que no Congresso por direito próprio representativo ou a convite nele venham a participar, a melhor colaboração, o melhor sentido da unidade e cooperação que se impõe a toda a família agrária, se pretende demonstrar uma força que só a sua desunção tem diminuído como bem diz a voz autorizada de Vieira Natividade.

«Se me perguntassem qual tem sido o mal maior da nossa agricultura, confesso que de boa mente fecharia os olhos e saltaria por cima da adversidade dos factores naturais, e todos nós sabemos o tributo que lhe pagamos; não me deteria nos defeitos de estrutura fundiária; deixaria de lado a escassa capacidade profissional de tantos que cultivam a terra e o desapreçamento financeiro, técnico e científico de boa parte dos agricultores; a tudo isto, fecharia os olhos para apontar o que é, a meu ver, o maior de todos os males: a falta de união e de cooperação no seio da própria Lavoura. Daí a sua debilidade como força económica e como força política capaz de impôr-se ao respeito e á consideração dos governos.»

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amores

Visado pela C. Censura

DA FINALIDADE E REALIZAÇÃO

Art.º 1.º — Sob o Alto Patrocínio de uma Comissão de Honra é promovido e organizado pela Corporação da Lavoura, o I Congresso Nacional da Lavoura a realizar em Lisboa em Junho de 1961, em dias a fixar posteriormente.

Art.º 2.º — São objectivos do Congresso:

I — A apreciação e estudo do associativismo da Lavoura.

II — O estudo e esclarecimento dos problemas económicos e sociais da Lavoura.

Art.º 3.º — A realização do Congresso está a cargo de:

a) — Uma Comissão Executiva;

b) — Uma Comissão de Propaganda;

c) — Uma Secretaria Geral.

Art.º 4.º — A Comissão Executiva, sob a presidência do Presidente da Corporação é assim constituída:

a) — Direcção da Corporação;

b) — Os Vice-Presidentes das Secções;

c) — Os presidentes das Federações dos Grémios da Lavoura não incluídos nas alíneas anteriores;

d) — Os presidentes das Federações das Casas do Povo não incluídos nas alíneas a) e b);

e) — Um representante dos outros Organismos Corporativos integrados na Corporação da Lavoura por cada actividade diferenciada;

f) — Um representante dos Organismos Cooperativos da Lavoura, por cada actividade diferenciada;

g) — Um representante dos Organismos de Mutualidade Agrícola;

h) — Um representante das Associações de Regantes;

i) — Um representante da Associação Central de Agricultura Portuguesa;

j) — Um representante da Imprensa Agrária Particular, e um da Corporativa e Cooperativa da Lavoura.

§ único — A Comissão Executiva pode dividir-se em Sub-Comissões de Trabalhos, podendo agregar a si outras individualidades.

Art.º 5.º — A Comissão de Propaganda é assim constituída:

a) — Um representante da Direcção da Corporação, que presidirá;

b) — Um representante da Comissão Executiva;

c) — Um representante da Imprensa Agrária Particular, Corporativa e da Cooperativa da Lavoura;

d) — O Secretário Geral.

Art.º 6.º — A Secretaria Geral do Congresso fica a cargo de um Secretário Geral. O seu expediente correrá pelos quadros dos serviços da Corporação da Lavoura, podendo admitir-se temporariamente, sob proposta do Secretário Geral à Direcção da Corporação da Lavoura, pessoal extraordinário especializado.

Art.º 7.º — Compete à Co-

missão Executiva:

a) — Angariar e administrar os fundos do Congresso;

b) — Tomar as providências regulamentares necessárias para a realização e eficiência do Congresso;

c) — Verificar a idoneidade dos congressistas e resolver sobre a admissão de teses e comunicações;

d) — Fixar as sub-comissões em que se desenvolverá o Congresso;

e) — As atribuições constantes dos artigos 12.º, 14.º, 15.º, 16.º e 18.º deste regulamento.

Art.º 8.º — Compete à Comissão de Propaganda estabelecer normas de propaganda e publicidade para o bom êxito do Congresso.

a) — Promover as reuniões necessárias que se realizarão sob a presidência do Presidente da Corporação, para a escolha dos representantes, nas Comissões Executiva e de Propaganda;

b) — Promover a execução das deliberações das comissões e sub-comissões realizadoras do Congresso;

c) — Centralizar todas as informações necessárias para o andamento dos trabalhos preparatórios e assegurar todo o expediente da organização;

d) — Elaborar a lista das individualidades que, conforme o artigo seguinte deste regulamento, são consideradas como participantes no Congresso e a dos definitivamente inscritos;

e) — Assegurar todo o expediente e organizar a contabilidade das receitas e despesas;

f) — Reunir e fazer publicar as monografias das teses e comunicações.

Art.º 10.º — Podem inscrever-se no Congresso as seguintes individualidades:

I — Os membros, quando eleitos pela Lavoura ou designados por direito próprio estatutário:

a) — Das Direcções dos Organismos Corporativos da Lavoura;

(Federações, Grémios da Lavoura e dos Vinicultores e Casas do Povo.

b) — Dos Conselhos Gerais das Federações dos Grémios da Lavoura, dos Grémios da Lavoura e dos Vinicultores.

c) — Da Mesa das Assembleias Gerais das Casas do Povo;

d) — Da Direcção e Mesas das Assembleias Gerais e Conselhos Fiscais, das Cooperativas, Mutualidades Agrícolas e Associações de Regantes;

e) — Dos Conselhos de Direcção e Conselhos Gerais dos Organismos Corporativos da Lavoura, não incluídos nas alíneas anteriores;

f) — Das Secções dos Conselhos dos Organismos de Coordenação Económica;

g) — Em representação dos diversos órgãos do Estado.

Continua na 5.ª página

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 81

(CONTINUAÇÃO)

Estas são as realidades presentes. Do que reserva o futuro, e muitas são ainda as possibilidades naturais deste gigantesco colosso, tire-se por conclusão das maravilhas em que já se desentranha, que não sou outro Júlio Verne para decantar as profecias de qualquer século vindouro. O tempo o há-de demonstrar e outrem o assinalará.

Vai o eito, como é óbvio, a campanha dos empreendimentos humanos e não penetrou ainda os fundos umbrais da Ribeira de Homem, a colher por este lado o potencial de energia que desaba das alturas. Lá chegará a sua vez que o cérebro humano, que já *brinca e se diverte* com estas coisas para fazer este mundo mais bonito e apetecido, também aqui traga a sua formidável engenharia.

Mas com tudo isso, os Terrabourenses hão-de continuar encerrados na sua tortaleza de silêncio e alheamento do resto do mundo que os cerca, pelo natural instinto do homem dos montes, familiarizando-se apenas com quantas novidades lhe apresentam e reconheçam que não são em seu deterioramento e dano; tanto mais, note-se, que todos esses referidos actos de movimento se verificaram de fora para dentro.

Inútil é pedir ou exigir-lhes o contrário; estão na sua lógica de que a vida aí decorre sem mais alterações que as do nascimento e acabamento; o que mais const. de bodas e lutos, tudo anda pelo rol costumeiro.

Os que se abalançam ou são chamados a um mundo exterior esses é que terão muitos motivos de se lhes dirigirem por cartas, por escritos, pelos jornais, a dar-lhes novidades das suas. E assim é que deve ser.

Que pode redigir o lavrador cuja mão calejada e entorpecida mal sustenta, de leve, a pena nos dedos, na casa onde quando há tinta não há papel?

Há os letrados, mas, se olham à volta em busca de assunto, tudo é a monotonia asoberbante do livro da Natureza sempre aberto no mesmo sítio; ou então o que é muito peor e vicioso) uns e outros perdem-se e desgastam o miolo nas tramas e meandros de uma potiquice contraditória do tempo e das circunstâncias.

No circuito fechado da terra que lhes foi berço e não cresceu a par de muitas ambições, falta-lhes o longe de uma coisa amada do torrão natal que a distância faz lembrar e apetecer; de que a saudade desperta a inspiração.

Foi só esta rapidamente esboçada, a razão deste trabalho!

Por mais pobre que seja, a nossa terra, como a nossa casa, representa-se-nos sempre como uma imagem tão atraente que de longe se nos afigura iluminada pela beleza dos palácios encantados. A sua mesma rusticidade, que alguns poderão classificar de defeito e atraso na marcha do progresso, é, bem analisada, a sua maior virtude.

Familiarizaram-se nossos antepassados com as agruras da vida e foram enérgicos, virtuosos e sádios. Acomoda-se o indivíduo ao conforto morno das sociedades modernas e fica desvantajosamente a perder na escala das virtudes do homem de antanho.

Dizer mal da nossa terra porque ela não sorriu de esperanças e teve de buscar-se noutra o que não pôde dar; estabelecer-lhe de longe um confronto degradante com as grandezas, e misérias que se observam por mundos estranhos, é desdizer do sistema e do critério de nossos maiores que também peregrinaram por terras longínquas, mas não resistiram à natural tentação de voltar a descansar e repousar para sempre junto do campanário humilde que os viu nascer.

Se não fossem outros os inconvenientes, como por exemplo o daquele que briga com as mais rudimentares noções do verdadeiro patriotismo, este bastaria — o de agravar esta onda crescente de impertinência e descontentamento que vai pelo mundo, porque os homens se decidiram a exigir tudo de seus semelhantes e a não pedir nada a Deus!

ARMAS, BANDEIRA E SELO

Levantadas as paredes mestras desta obra, que outros aperfeiçoarão, trata-se de pôr-lhe o coruchéu das armas, bandeira e selo.

Fara efeitos da sua constituição, em devido tempo a respectiva Câmara dirigiu-se ao Ministro do Interior nos seguintes termos:

Não possui o Município de Terras de Bouró brasão

(Continua no próximo número)

Nos Bastidores do Teatro

Continuação da 2.ª página

Quem é, porém, Serge Michel? Um francês, diz-se. Efectivamente, nasceu francês e foi na França que o condenaram à morte, em boa e devida forma, mas à revelia, porque, prudente, pusera o «marquis» argeliano entre ele e a Justiça francesa. Condenação à morte por traição. Mas quem é Serge Michel? O seu verdadeiro nome seria Kokzinski. Polaco de origem, deve ter hoje uns 50 anos.

Traz a aventura no sangue, a aventura cobarde que vai até à traição contra o seu país de nascença e a sua raça. É pró-russo e pró-comunista. Apenas o primeiro tiro sou do outro lado dos Pirinéus, em 1936, viu-se o jovem Michel — conservemos o patronímico — acudir. Encontra-se sempre onde nasce a desordem. Durante três anos, participou nas «brigadas internacionais» que combatiam contra Franco. Mas também dessa vez deixou-se ficar nos bastidores. A frente, as trincheiras, a batalha directa — é muito pouco para ele. Prefere a intriga, a agitação. É um agitador nato. Encontra-se em Barcelona e arma-se em polícia, a fim de eliminar os trotskistas e anarquistas que, embora inimigos de Franco, não gostavam de Estaline. Michel, sim, gostava dele.

Sobrevém a derrocada espanhola e Serge lembra-se do seu domicílio francês. Mas vem a guerra — contra os nazis, então aliados de Estaline. Serge não gosta desse género de guerra. «Esquece-se» de fazer o serviço militar. Durante o conflito, fica ao lado dos comunistas, mudando de opinião com eles, a cada viragem de casaca e de política. Eis que chega a Libertação. Na França não há necessidade, nos meios comunistas, de quem trabalhe nos bastidores, pois que o Partido Comunista, todo-poderoso nos anos do pós-guerra, pode então agir em plena luz do dia. Desaparece, pois; torna-se um obscuro escriba.

Mas o Partido Comunista entra em declínio. E, ao mesmo tempo, começa a agitação no Norte da África. Em Moscovo, lembram-se de Serge. Atravessa o Mediterraneo. Para combater? Que ideia. Serge passa para a FLN. Ocupa-se da imprensa e da informação por conta do GPRA. Segue para Tunes.

Entretanto, a guerra da Argélia eterniza-se e ele aborrece-se.

Felizmente para Michel, Lumumba tira-o desse fastio. O Congo que foi belga soçobra na anarquia e um homem que se agita bastante apela para os russos. Sem dizer

REGULAMENTO GERAL

Continuação da 4.ª página

II — Representantes da Lavoura na Câmara Corporativa.

III — Membros da Direcção, Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal da Associação Central da Agricultura Portuguesa.

IV — Os Directores da Imprensa Agrária Particular e da Corporativa e Cooperativa da Lavoura.

§ único — A Comissão Executiva poderá convidar a fazer parte do Congresso individualidades de reconhecido mérito, não incluídas no corpo deste artigo.

Art.º 11 — O Congresso divide-se nas seguintes secções:

I — Organização Corporativa, Cooperativa, de Mutualidade e outras Associações Agrárias;

II — Economia Geral;

III — Sociologia Agrária.

§ único — A Comissão Executiva sub-dividirá as secções nas sub-secções que achar convenientes para a melhor sistematização dos trabalhos.

Art.º 12.º — As mesas das secções e sub-secções serão constituídas por um Presidente, um Vice-Presidente e dois Vogais, designados pela Comissão Executiva.

§ único — Estas individualidades constituirão as Comissões e Sub-Comissões de estudo e redacção das respectivas secções ou sub-secções, devendo continuar em exercício posteriormente ao encerramento do Congresso e até conclusão dos trabalhos.

IV

Das Sessões

Art.º 13.º — O Congresso funciona em sessões plenárias

água vai, Serge deixa Tunes, vò a em socorro de Patrice e ei-lo adido de Imprensa de Lumumba, e grande agitador. Nos bastidores, é claro.

No entanto, como o seu amo, cai também. Lumumba está a perder e Michel vai melancolicamente para Tunes retomar as suas funções junto da FLN. Com uma surda inquietação a roerlhe a alma — porque Moscovo não gosta dos que se deixem derrotar..

e em sessões por secções e sub-secções.

Art.º 14.º — Haverá duas sessões plenárias: a de abertura e a de encerramento. Os respectivos programas serão elaborados pela Comissão Executiva do Congresso.

§ único — Só serão proferidos discursos nas sessões plenárias de abertura e encerramento.

V

Das Teses e Comunicações

Art.º 15.º — Os trabalhos apresentados classificam-se em:

- Teses obrigatórias;
- Teses facultativas;
- Comunicações.

São teses obrigatórias aquelas cujo assunto o relator tenham sido designados pela Comissão Executiva do Congresso. São teses facultativas as facultativamente apresentadas por qualquer congressista inscrito, e sobre quaisquer dos assuntos que estejam dentro dos fins do Congresso.

Art.º 16.º — As teses obrigatórias constituem obrigatoriamente objecto de discussão e votação nas sessões do Congresso. As teses facultativas que tenham sido admitidas pela Comissão Executiva, no caso de por falta de tempo algumas não possam ser discutidas e votadas, serão, contudo, tomadas em conta para elaboração dos relatórios e conclusões finais.

Art.º 17.º — Nas teses e comunicações e na discussão, os congressistas deverão ter sempre em vista o objectivo acentuadamente prático do Congresso e inspirar-se nos princípios fundamentais da Constituição Política da Nação.

A objectividade no estudo, a imparcialidade na apreciação e a fé na organização associativa da Lavoura terão de constituir os fundamentos do método a seguir nos trabalhos do Congresso.

Art.º 18.º — O Regulamento especial para o funcionamento das sessões do Congresso, será aprovado pela Comissão Executiva.

Agência Funerária

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornatações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornatações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

Tribuna Desportiva

O. F. C. do Porto, venceu com relativa facilidade o Sporting de Braga

Decorreu no passado domingo mais uma etapa do campeonato Nacional da primeira divisão, com os jogos constantes do respectivo calendário. Por isso, efectuou-se no estádio 28 de Maio, mais um clássico «Braga-Porto», o que levou àquele recinto grande afluência de desportistas, adeptos de ambos os grupos.

O espectáculo foi mais brilhante na primeira metade do desafio em que os portistas mostraram a sua maior supremacia e demonstraram aos seus adeptos quanto é real o seu valor.

No entanto podemos acentuar, que a sua exibição foi em parte facilitada pela equipa local, que se mostrou demasiadamente frágil.

Durante os 90 minutos os homens do Porto foram sempre superiores o que lhes bastou para vencerem com todo o merecimento, por uma margem de golos que certamente não contavam.

A equipa braguesa, podemos afirmar, desiludiu porquanto nunca deu a sensação que seria capaz de impor perigo para o seu adversário, alterando a margem de golos sofridos. É certo que se a sorte a tivesse bafejado em dois lances, certamente que os teria moralizado e a cariz do jogotivessesido modifi-

cado.

Mas a desorientação do sector defensivo dos minhotos, se deve certamente à tarde pouco feliz dos seus componentes. Podemos acrescentar que toda a equipa foi irregular, quer na linha defensiva, quer nos sectores médios e atacantes, com excepção para o seu guarda redes, que demonstrou claramente a sua decisiva actuação em muitos lances, privando deste modo uma derrota muito mais acentuada. Não podemos deixar de assinalar, que o Sporting de Braga, possui um dos bons guarda redes e estamos certos que não será por aquele elemento que a equipa poderá neste torneio sofrer a baixa que infelizmente prevemos.

A estreia do extremo esquerdo, Bino, jovem vindo dos juniores, foi decepcionante. Começou satisfatoriamente, mas certamente depois devido ao contacto com os jogadores de primeira categoria e ao ambiente do jogo, parece ter-se inferiorizado, passando o restante da parte do desafio completamente apagado. Estes e outros factores levaram a equipa local a uma derrota bastante rigorosa, onde faltaram elementos capazes de resolver as situações na zona verdadeira. Duas oportunidades tiveram os braca-

Resultados 1.ª Divisão. 6.ª Jornada:

Cuf 2 — Belenenses 2
Sporting. 2 — Covilhã 1
Atlético 3 — Benfica 3
Braga 0 — F.C. Porto 4
Leixões 0 — Guimarães 2
Lusitano 1 — Barreirense 0
Salgueiros 1 — Académica 3

CLASSIFICAÇÃO

	PONTOS
Benfica	11
F. C. Porto	11
Belenenses	8
Covilhã	8
Guimarães	8
Sporting	7
Cuf	6
Académica	5
Salgueiros	4
Lusitano	4
Leixões	3
Braga	3
Atlético	3
Barreirense	1

Jogos para o dia 13 1.ª Divisão

Belenenses—Sporting
Benfica—Lusitano
Académica—F. C. do Porto
Covilhã—Braga
Barreirense—Cuf
Salgueiros—Leixões
Guimarães—Atlético

Jogos para Amanhã 2.ª Divisão

Zona Norte
Boavista—Castelo Branco
Oliveirense—Caldas
Feirense—U. Coimbra
Chaves—Beira Mar
Peniche—Torreense
Vianense—Sanjoanense
Gil Vicente—Marinhense

rens, que se não lograram o efeito desejado, foi por manifesta falta de sorte. A arbitragem com muita personalidade e sem permitir jogo rijo, podemos considerar em bom plano.

Várias Notícias

A Selecção B de Portugal prepara-se activamente para defrontar a «B» da França —o seleccionador nacional convocou «reforços»

A selecção B de Portugal, prepara-se, activamente, para, em 8 de Dezembro, defrontar o «B» da França.

O seleccionador nacional, Armando Ferreira, tem obrigado os seleccionados a treinos aturados e resolveu «reforçar» a lista dos «prováveis».

Para isso convocou mais os seguintes jogadores: Orlando e Carlos Gomes (Atlético), Cruz (Benfica), Rita (Sporting da Covilhã), e Palma (Cuf).

Zona Sul

Alhandra—Lusitano
Olhanense—Estoril
Sacavenense—Beja
Setúbal—Montemor
Montijo—Oriental
Juventude—Olivais
Portimonense—Farense

Resultados da 2.ª Divisão Nacional

Zona Norte		Zona Sul	
Boavista—Gil Vicente	3-1	Alhandra—Juventude	3-0
C. Branco—Oliveirense	3-0	Lusitano—Olhanense	0-4
Caldas—Feirense	3-2	Estoril—Sacavenense	1-0
U. Coimbra—Chaves	1-1	Desp. Beja—V. Setúbal	1-2
Beira Mar—Peniche	3-2	Desp. Montijo—Montemor	4-1
Torreense—Vianense	1-0	Oriental—Portimon.	1-0
Sanjoanense—Marinhense	4-0	Farense—S.L. Olivais	2-0

que quando não o fizesse V.M., havia uma demonstração, por que todos entendessem o modo com que V.M. mandava que se tratasse (o marquês) e que este título não era para se lhe negar o outro de conde, em cuja pretensão podia continuar, que, dando-lhe um por dote da marquezia, e outro para honra de sua casa,..... quem pudera pensar, senhor, que desde o ano de 1630, em que sucedeu o referido, até este de 1642 (em que publicou o seu Memorial) não haja o marquês podido conseguir nenhuma das mercês que lhe fizeram título em forma que corresponda aos decretos e despachos por que elas lhe foram feitas e declaradas, apesar das repetidas instâncias para isso, a todos os ministros de V.M., como é notório e não poderão negar, significando-se-lhe tamanho descrédito a sua pessoa e casa, desta injusta retenção, pois nem ainda o fora de «moço fidalgo», que por ela lhe pertencia, e de que V.M. lhe fez mercê, cujo decreto está registado em poder do Secretário Gabriel de Almeida de Vasconcelos, e se lhe há dado, pedindo-se-lhe para isso meia anata, quando em rigor se não devia...

É ainda Montebelo que insiste:

«As outras mercês, que a cédula continha, eram que indo um dos senhores infantes, que Deus tem, a Portugal, se lhe daria em seu serviço um ofício capaz de sua pessoa, casa e título do feudo de Montebelo depois de ter pago a meia anata; e, feita a avaliação no estado de Milão, correspondente ao de Mortara, a despacho do Magistrado foram propostos os seguintes lugares: Montebelo, Regalia Vereto, Cantalupo, Casteleto, Phelisoncio, Montecalvo, Valpara, Golferenço, e Torre del Monte; e chegando aqui os despachos ao concelho de Itália, lhe negarem do referido feudo os quatro últimos lugares, sendo deles os mais consideráveis, vendo-se que por estarem confinantes com o estado de Parma, poderia o marquês de Montebelo passar trigo de seu lugares para os de Parma; sabendo todos muito bem que era português e não havia de deixar o que tinha neste reino para ir viver noutros estados ainda que maiores, não sendo tão pouca a estimação que fazia de uma casa tão antiga e ilustre, como por este discurso se verá que é a sua (dos Machados) e desde que lha tiraram, apesar de

(CONTINUA)

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

flagrantes de quanto estes monarcas da terceira dinastia eram dados e instruídos em prometer e faltar. Aí justamente se fundou e desenvolveu a indignação dos Portugueses.

Continua o marquês na sua reclamação a Filipe IV:

«Além das jurisdições perpétuas das terras de Entre-Homem e Cávado, fazia-lhe V.M. outras mercês (que logo referimos) na própria cédula firmada de sua realmão como pelo arcebispo confessor de V.M. lhe foi mostrada antes de casar-se e em confiança da qual efectuou o seu casamento. Em primeiro lugar se continha nela (cédula) que V.M. em respeito de que casava com D. Violante de Orosco, filha dos marqueses de Mortara, lhe fazia mercê de título de Conde de um lugar de suas terras, qual ele lembrasse, e aceitando o marquês esta mercê, e tomando o título de Vasconcelos, e usando dele em seus firmas e papeis alguns meses, o maior ministro da V.M. o enviou ao mar e lhe disse como V.M. era servido que ele aceitasse o título de marquês de Montebelo com o feudo que com ele se lhe dava e que seria do valor e renda correspondente ao de Mortara, que foram 17.000 ducados, porque V.M. desejava, para dote da marquesa, fazer-lhe mercê deste feudo com as preeminências dos títulos de Espanha, como a mesma cédula do título de marquês continha. Havendo-se ido, representou os inconvenientes que havia para que este título (de marquês de Montebelo) se lhe despachasse primeiro que o outro (de conde de Vasconcelos) porque seria pô-lo em ocasiões de desgosto com seus naturais: Respondeu-lhe (V. Mag.) que o mais nomeado cavaleiro português que havia era F., lembrando-o pelo nome, que nem dava aos grandes «excelência», nem aos títulos de Castela «senhoria», que esse se lhe havia de dar uma e muitas vezes, e